

O jogo como modelo da experiência hermenêutica

Eliane Soares Vidigal

Resumo

O presente estudo, realizado com base no Capítulo II da obra “Hermenêutica Filosófica: Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem”, tem por objetivo apresentar uma análise da reflexão feita pelo Professor Dr. Luiz Rohden sobre a importância metodológica da hermenêutica filosófica, bem como o modo e a forma em que acontece essa experiência, destacando o jogo como um modelo estrutural desse processo. Para tanto, seguiremos o caminho percorrido pelo Professor no tocante à origem, ao sentido e à validade do jogo em termos antropológico-culturais. Os aspectos e as funções do jogo na filosofia desenvolvidas por meio das teorias difundidas pelo Segundo Wittgenstein e também por H.G. Gadmer serão analisados para apresentar o jogo como instância ontológica da linguagem. O estudo adota como estratégia metodológica a interpretação reflexiva, típica e apropriada para o tema em questão. Como resultado concluímos que a experiência hermenêutica e o jogo de interpretação são processos simultâneos e correspondentes da reflexão filosófica.

Palavras-chaves: Hermenêutica; Experiência; Jogo; Metodologia; Filosofia.

ABSTRACT

Based on Chapter II of the book *Philosophical Hermeneutics* – “Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem”- this essay aims to introduce an analysis of Professor Luiz Rohden reflections about the methodological importance of philosophical hermeneutics and the way as hermeneutic experience happens evidencing the game as a structural model of this experience. To do so, we will follow the path traveled by Luiz Rohden about the origins, birth, meaning and validity of the game in anthropological-cultural terms. The aspects and functions of the game in philosophy developed from the 2nd Wittgenstein and H.G. Gadamer will also be analyzed to introduce the game as an ontological instance of language. The study adopts as a methodological strategy the reflexive interpretation typical and appropriate for the subject in question. As a result, we conclude that the hermeneutic experience and the game of interpretation are simultaneous and belong to the processes of philosophical reflection.

Keywords: Hermeneutics; Experience; Game; Methodology; Philosophy

Introdução

As reflexões propostas neste artigo foram divulgadas na obra “Hermenêutica Filosófica: Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem” do Professor Luiz Rohden, publicada pela Editora Unisinos no ano de 2002.

Para melhor compreensão do tema é conveniente iniciarmos esta pesquisa pelo estudo dos traços fundamentais da hermenêutica, suas características e particularidades, destacando ainda a importância da hermenêutica como ciência da interpretação. Mas afinal, de que maneira acontece a experiência hermenêutica vivenciada por meio de uma aproximação entre filosofia e linguagem?

Buscamos responder a essa indagação estudando o jogo como recurso da experiência hermenêutica e também como instrumento que possibilita um conhecimento de fundamental importância por se caracterizar como um discurso. Falando e produzindo discursos, interagimos com os outros e compartilhamos uma diversidade de experiências. Estudamos o valor do jogo discursivo, que nos faz interpretar pensando e falando e, a partir daí somos capazes de falar pensando e interpretando em um horizonte sempre aberto às novas possibilidades de pensar, conhecer e agir.

No pensar do Rohden (2002) o jogo é uma lógica em aberto com indícios e paradigmas, sendo, por essa razão, considerado um modelo estrutural da hermenêutica filosófica, uma linguagem da experiência e uma experiência da linguagem, que possibilita a obtenção de diferentes conclusões.

Traços fundamentais da hermenêutica: características e particularidades

Hermenêutica é uma palavra de origem grega e pode ser entendida como a arte de refletir, interpretar ou explicar um texto, um poema, uma obra de arte ou um discurso. Etimologicamente a palavra hermenêutica se relaciona ao deus grego Hermes, o mensageiro do Olimpo que desempenhava a função de transmitir e interpretar uma mensagem.

Se buscarmos nos dicionários de filosofia veremos que o sentido, ou significado primeiro do termo hermenêutica, aparece como expressão de um pensamento e, sobretudo, como explicação do mesmo. O termo também é empregado como a arte ou a ciência de interpretação das Escrituras Sagradas e como disciplina filosófica a hermenêutica surge a partir do pensamento de Scheiermacher (MORA, 1998)

O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1997), em sua obra intitulada *Verdade e Método*, discute a metodologia das ciências do espírito e da natureza na busca da verdade à luz da ciência da Hermenêutica. Para Gadamer a hermenêutica não é apenas um método das ciências do espírito. Ela é muito mais, haja vista que é o modo de compreensão das ciências do espírito e da natureza e, principalmente, um modo de entender a história. Gadamer faz uma distinção entre o saber científico e o saber hermenêutico. Defende que o saber científico pode ser manuseado pelo cientista através do método já o saber hermenêutico tem como base a sensibilidade humana e, por isso, não pode se reduzir a um simples método.

Interpretar é uma ação subjetiva e resulta de uma conversa com a história e com os padrões culturais. O ato de refletir sobre um poema ou sobre a essência de um fato social demanda do indivíduo um afastamento de todos os seus preconceitos e crenças a fim de evitar Interpretações equivocadas.

O exame da legitimidade e da validade de opiniões comumente aceitas como válidas e verdadeiras permite a superação das crenças que fundamentam muitos de nossos preconceitos. Nesse sentido, as interpretações podem ser entendidas como círculos hermenêuticos que possibilitam a compreensão e a percepção da realidade. Assim,

[...] quem busca compreender está exposto a erros de opiniões prévias que não se confirmam nas próprias coisas. Elaborar projetos corretos e adequados às coisas, que como projetos são antecipações que só podem ser confirmadas “nas coisas”, tal é a tarefa constante da compreensão. Aqui não existe outra “objetividade” a não ser a confirmação que uma opinião prévia obtém através de sua elaboração. Pois o que é que caracteriza a arbitrariedade das opiniões prévias inadequadas senão o fato de que no processo de sua execução acabam sendo aniquiladas? A compreensão só alcança sua verdadeira possibilidade quando as opiniões prévias com as quais inicia não forem arbitrárias. Por isso, faz sentido que o intérprete não se dirija diretamente aos textos a partir da opinião prévia que lhe é própria, mas examine expressamente essas opiniões quanto à sua legitimidade, ou seja, quanto à sua origem e validez (GADAMER, 1997; P 356).

Podemos entender, então, que a reflexão hermenêutica é, essencialmente, uma reflexão sobre a influência da história na compreensão que temos das coisas do mundo e de nosso próprio pensamento. A hermenêutica

filosófica propõe uma ruptura com o método da lógica formal matemática e se lança a reestruturar os argumentos filosóficos de modo a permitir uma adequada compreensão e interpretação do mundo, na medida em que investiga as ações humanas, considerando o modo pelo qual os homens são afetados pelo mundo, em busca do real sentido das coisas mesmas.

Nessa linha de raciocínio, o exercício hermenêutico reformula a concepção de experiência tomando-a como o ponto de partida da filosofia hermenêutica. A reflexão levada a efeito pelo Professor Luiz Rohden, na obra ora em estudo, considera a hermenêutica filosófica como uma espécie de teoria geral do saber, ou melhor, como um discurso indiretamente ontológico.

O jogo enquanto experiência hermenêutica

O jogo proporciona para a hermenêutica filosófica um conhecimento de fundamental importância, pois, contrariamente à metafísica, a hermenêutica é um discurso *indiretamente ontológico* com referências, simultaneamente, unitária e múltipla, na medida em que possibilita uma interação e uma diversidade de experiências (ROHDEN, 2002).

Como metodologia da hermenêutica filosófica o jogo extrapola a concepção de método, pois nele o sujeito é considerado em seu todo e não apenas em relação ao conhecimento e estabelece uma relação de experiência e de compreensão com o jogo. Jogando, pensamos, interpretamos, interagimos, falamos, discursamos e produzimos um saber filosófico sobre nós mesmos e sobre o mundo.

A vida é um jogo repleto de possibilidades. Ao jogar o homem deixa sua interioridade, sai estaticamente para fora de si, numa ação interpretativa do mundo rica em sentido. Refletir sobre o jogo, sobre as possibilidades de acerto ou erro, sobre as decisões a serem tomadas dentro do jogo, sobre as regras do jogo é uma forma de fazer filosofia. A filosofia nos possibilita pensar sobre quem somos e o que desejamos.

O modelo estrutural lógico-ontológico do jogo, segundo Rohden (2002) é lógico, porque contém regras fixas e universais, que garantem sua existência e o valida universalmente. Também é ontológico porque ao jogar, o jogador, com o seu próprio ser, o experiencia e o desvenda. Ao jogar o sujeito abandona a posição de observador e passa a compreender com a integralidade de seu ser e não apenas por seu conhecimento do mundo. Há regras no jogo da vida e do pensamento, mas a maneira de jogar depende de um envolvimento subjetivo daquele que não apenas observa, mas participa integralmente do mundo.

O jogo não é um conjunto inflexível de normas é, antes, uma lógica em aberto com indícios e paradigmas, sendo por isso considerado um modelo estrutural da hermenêutica filosófica, uma linguagem da experiência e uma experiência da linguagem, que possibilita a obtenção de diferentes conclusões.

A concepção de jogo, melhor que o método analítico, dialético, sintético, conserva e explicita de modo mais autêntico o acontecer do princípio da experiência hermenêutica ao conjugar num mesmo movimento ser e tempo (ibidem, p. 112).

A partir desse ponto, é importante estudarmos os traços antropológico-culturais do emprego do jogo a fim de demonstrar a origem e o sentido do jogo na vida humana.

Perspectiva antropológica e cultural do jogo

O jogo nos remete à filosofia na medida em que ao jogar o indivíduo vai além de suas necessidades imediatas, vai além de si mesmo e vivencia uma experiência metafísica. E o seu sentido somente será percebido por meio da experiência do jogar. A finalidade do jogo está na própria competição.

Não é possível conceituar o jogo a partir da razão moderna e instrumental, pois, ao mesmo tempo em que o jogo integra a realidade, dela também se distancia. Podemos, antes, tentar compreendê-lo como uma função da vida não passível de definição, como um mundo diverso das regras científicas ou culturais vigentes. A dificuldade enfrentada por Wittgenstein e Gadamer ao tentarem elaborar um conceito de jogo está exatamente na razão moderna, pois conceituá-lo implicaria em sua anulação.

Podemos compreender o jogo como uma experiência metafísica na medida em que ao jogar o homem transcende a si mesmo. Deixa sua interioridade, ultrapassa os limites nos quais está inserido e elabora seu próprio itinerário do saber. O jogo ultrapassa os limites da realidade física e não pode ser explicado por análises biológicas ou lógicas. A relação jogo/Ser apresenta-se como forma originária de expressão e compreensão do mundo, podendo o jogo ser entendido como um dos elementos fundantes da cultura e da racionalidade da vida humana (ibidem, p.117).

Ele contém aspectos racionais, claros, evidentes, compreensíveis, expressos nas regras e que devem ser aceitos e, por outro lado, caracteriza-se por uma dimensão “supralógica”, pela experiência do não tematizável, não

apenas da situação humana, como da filosofia ((ibidem p.118).

O jogo cultural é o centro da vida humana e fornece sentido à existência, funcionando como elemento constituinte e constituidor da moral. Nas palavras de Rohden no jogo toda vitória representa para o vencedor um “triunfo dos poderes benéficos sobre os maléficos e, ao mesmo tempo, a salvação do grupo que a obteve” (idem, p.118).

A hermenêutica filosófica mostra que o sentido não é propriedade de uma doutrina interpretativa específica e, tampouco, se limita ao sentido que fora atribuído a um determinado texto. A experiência de sentido da vida humana pode ser explicitada no jogo cultural. Nele, desde os primórdios, a humanidade “vivencia a experiência de sentido, de segurança, de orientação, de instauração de uma nova ordem, que extrapola toda tentativa técnico-instrumental de conceituação” (ibidem, 120).

O jogo enquanto modelo estrutural da hermenêutica filosófica representa um modo, um método, ou melhor, um caminho para viver em paz. E, assim, pressupõe um projeto ético-político *eudaimônico*. *Eudaimonia* é uma palavra grega que significa felicidade. Um projeto político que busca a felicidade fundada na moralidade, no exercício constante da busca pela virtude, a qual nos conduz ao supremo bem para alcançarmos a felicidade individual e coletiva. Dessa forma, ao jogar buscando atribuir sentido à nossa existência, nos orientamos na busca de uma nova ordem, uma ordem temporária, mas sublime.

Outro elemento imprescindível do jogo é a capacidade que ele carrega de atenuar a seriedade da vida e recuperar possibilidades. No jogo não há vida corrente nem vida real, porém ocorre uma fuga para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Aquele que joga colhe os benefícios entre a tensão da física e a matemática, o cotidiano e o transcendental, entre o real e o irreal. O Jogo cria ordem e é ordem; insere na realidade uma perfeição temporária e limitada e exige uma ordem suprema e absoluta (ROHDEN 2002). A tensão também é um ingrediente importante no jogo, pois quem joga não conhece, *a priori*, aquilo que se coloca no começo ou no término do jogo e assume o risco. Esforça-se para levar o jogo até o final e tem por objetivo que alguma coisa ‘vá’ ou ‘saia’, desejando ganhar por seu esforço pessoal (HUIZINGA apud ROHDEN, 2002, p. 123).

O jogo exerce um fascínio sobre nós, um encanto que “é reforçado por se fazer dele um segredo”. Não é possível deduzir *a priori* o que acontece no desenrolar até o fim dele. Ele não se submete a uma vontade nem a qualquer espécie de voluntarismo (ibidem p. 124).

Outro requisito de destaque no jogo são suas regras. As regras do jogo são absolutas e não podem ser questionadas. São elaboradas e se fundamentam em um princípio considerado inabalável e não podem ser desrespeitadas, sob pena de comprometer o autêntico jogar. O jogo exige do jogador respeito às suas regras, aceitação de suas incertezas e dos riscos, ousadia, tolerância e tensão. Um espírito de fidelidade. Aquele que joga deve se entregar e aceitar as regras e os valores impostos, reconhecer a importância de sua existência para a validade do jogo. (idem, p. 124).

A atividade lúdica pode ser sintetizada como: i) uma atividade livre e inconciliável com o constrangimento; ii) separada da realidade comum (tempo e espaço); iii) indeterminada; iv) improdutiva (nada fornece à vida real dos jogadores) e v) regulada ou fictícia.

Podemos concluir que, o jogo não deve ser reduzido a um conceito e que sua “essência” transita entre a observância de suas regras e as liberdades vivenciadas por seus jogadores.

Também verificamos que na experiência da linguagem, a fala é livre e o discurso segue regras. A hermenêutica filosófica possibilita interpretar a experiência do ser que fala e que discursa, que pensa e que emite opiniões. Seu pensamento elaborado a partir das regras do jogo. Opiniões expressas na vida, na cultura e na história.

Diferentemente da ciência, o funcionamento do jogo exige do jogador uma atitude de observador das regras e de entrega a elas. A postura de observador neutro inviabiliza o jogo, pois o que é fundamental é a experiência do jogar. Observando as regras do jogo produzimos um discurso mais elaborado. Atuando na vida somos capazes de experimentar a arte de jogar, bem como de atribuir e interpretar sentidos e significados.

Nesse processo de idas e vindas, Alves (2011) nos mostra que o jogo hermenêutico não pode ser reduzido a um receituário para fazer interpretação. De acordo com esse autor, só podemos compreender o jogo como método filosófico quando entendemos que ao fazer hermenêutica e ao buscar interpretar o sentido das coisas, das palavras, da linguagem e do pensamento, percebemos que as ciências naturais modernas não captam do mundo aquilo que vale a pena saber. Vale a pena saber que não há um fim último e definitivo capaz de eliminar "a história, a experiência e a instigante atitude filosófica de querer sempre saber mais" (p. 239).

A hermenêutica como jogo filosófico nos faz perceber que a verdade é sempre fruto de um ato histórico-cultural de interpretação que decorre de nossas de nossas vivências. A vontade de interpretar decorre de uma atitude filosófica

de sempre querer saber mais e querer aprender mais. O jogo, nessa perspectiva, não é predeterminado por uma força anterior e nem por uma finalidade externa a ele mesmo.

No jogo interpretativo vivido como hermenêutica da linguagem o que é mais importante do que a produção de certezas e evidências é a interação, a experiência e o diálogo. É na relação com os outros, a partir de nossa finitude, que jogamos, aprendemos e ensinamos a falar, agir, a pensar e discursar.

Elementos e função do jogo na filosofia do 2º Wittgenstein e de Gadamer

Traços fundamentais do jogo desenvolvido pelo 2º Wittgenstein

A introdução da concepção de jogos de linguagem foi fundamental para explicar e compreender a reviravolta ocorrida na filosofia a partir do pensamento do 2º Wittgenstein, denominada virada epistemológico-pragmática. Wittgenstein renuncia ao conhecimento objetificador da filosofia e critica o uso da matemática e da lógica como modelos e métodos exclusivos da concepção filosófica.

Para Wittgenstein a estrutura do jogo como metodologia representa uma virada filosófica no campo específico da filosofia da linguagem enquanto que para Gadamer, a virada filosófica se concentra no campo da hermenêutica da facticidade ontológica Heideggeriana. Em Wittgenstein é preciso interpretar o sentido do jogo na linguagem. Em Gadamer/Heidegger é necessário interpretar o sentido do jogo no ser da própria vida (RODHEN, 2002).

A aproximação real existente entre o pensamento de Gadamer e de Heidegger, no entanto, não nos deixa esquecer das diferenças entre os dois filósofos. Esse é um aspecto importante quando analisamos a estrutura do jogo também na filosofia do 2º Wittgenstein. Em trabalho recente Rodhen nos alerta sobre isso:

É verdade, sim, que ambas comungam de muitos conceitos, mas é verdade também que são propostas filosóficas distintas. Com relação ao método filosófico parece que Heidegger é, por assim dizer, mais 'analítico', aristotélico, ao passo que Gadamer pauta-se pelo dialógico, dialético, socrático-platônico (idem, p. 16).

O 2º Wittgenstein desistiu da possibilidade de construir uma linguagem matemática, ideal, perfeita, abstraída da realidade e construiu uma crítica fundamental ao ideal de uma linguagem lógica. Contrapondo-se à sistematicidade, idealidade, abstração que caracterizavam a maior parte da

filosofia da linguagem. Wittgenstein enfatizou a pragmaticidade, a necessidade de uso da linguagem em seus diferentes aspectos, em seus diferentes jogos.

Heidegger também promoveu uma virada na filosofia e realizou uma crítica à metafísica tradicional, que havia cientificado o pensamento realizando, assim, uma virada ONTOLÓGICA.

Para o 2º Wittgenstein a tarefa da filosofia é observar o funcionamento da linguagem usada pelos homens, descrevendo seus diferentes usos, pois a realidade em sua pragmaticidade deve servir de ponto de partida e de chegada da filosofia e defende que o filósofo deve adotar uma postura de observador do funcionamento dos jogos de linguagem e extrair deles a validade universal de suas regras.

Em Investigações Filosóficas Wittgenstein destaca as diferentes funções da linguagem expondo sua natureza diversa. Explica que há uma multiplicidade de jogos de linguagem e diferentes tipos de sentenças, o que possibilita o emprego das palavras de maneira e sentidos diferentes. Essa diversidade de uso e de sentido das palavras redundam no fato de que, não há como eleger um elemento comum aos diferentes jogos e tampouco é possível definir um elemento característico e presente em todos os jogos que se joga com as palavras. (WITTGENSTEIN, 2000)

Para Wittgenstein os problemas filosóficos surgem quando os filósofos se põem a explicar tudo pelo uso da linguagem ao invés de utilizar o método aplicado por meio de exemplos com finalidade terapêutica. A atividade filosófica, segundo o pensador, se restringe à descrição dos usos linguísticos nos diferentes jogos de linguagem. Ele não está preocupado em mencionar e incorporar o sujeito que compreende o jogo ou sujeito que é afetado pelo jogo.

O Sujeito é externo e não joga, apenas observa como se dão e funcionam os diferentes jogos de linguagem. Cuida apenas de descrever o uso da linguagem, porque “compreender uma frase significa compreender uma linguagem e compreender uma linguagem significa compreender uma técnica” (ROHDEN, p. 134).

Wittgenstein não se preocupa com a atitude de quem joga o jogo da linguagem. Para ele mais importante que ouvir aquele que é atingido pela tradição ou pelo uso da linguagem é a possibilidade de ver e elencar as regras válidas usadas na linguagem. E isso só é possível quando o sujeito observa e descreve aquilo que viu. Os impactos sofridos ao jogar não são relevantes, apenas o conhecimento das regras de funcionamento do jogo. Wittgenstein defende que é a internalização das normas que regulam o agir.

Traços Fundamentais do Jogo Desenvolvido por Gadamer segundo Rohden

Gadamer busca exprimir no jogo um acontecer do ser-na-verdade. Difere o jogo humano dos jogos dos animais pelo elemento da racionalidade. Para ele a racionalidade seria o caráter mais próprio do ser humano como poder consciente de determinar e aspirar seus fins e defende que o jogo é uma racionalidade livre de fins predeterminados.

Neste sentido, Gadamer reconhece que o jogo dos seres humanos é diferente do jogo dos animais, pois em razão da consciência que temos possuímos a necessidade de obediência às regras do jogo. Essa consciência pode ser atribuída filosoficamente à intencionalidade e à capacidade que detêm os seres humanos de unir seriedade e jogo (ROHDEN, 2002, 136).

Mas Gadamer lança um questionamento: como podemos afirmar que as ações lúdicas dos homens são orientadas pela razão e as dos animais pelos instintos? Para ele é na experiência da arte que se encontra a forma que melhor justifica a especificidade do jogo e que melhor caracteriza a dimensão da liberdade humana. Nas palavras do referido autor “o fazer humano conhece uma poderosa variabilidade de provar e jogar, de validar. Só aí começa mesmo a arte, onde algo pode ser de uma ou de outra maneira” (idem, p.136).

Gadamer defende que a utilização do jogo como metodologia, como caminho próprio da hermenêutica, deve-se ao fato de que “o acontecimento da verdade é algo sobre o qual nós não somos senhores” e, assim a impossibilidade de dominar o jogo, constitui um traço fundamental da hermenêutica filosófica. O jogo como fio condutor da explicação ontológica se traduz na compreensão do sentido e na relevância do jogo enquanto modelo estrutural da hermenêutica filosófica (ibidem, p.137).

A Concepção de Jogo entre Wittgenstein e Gadamer

As dimensões pragmáticas e filosóficas da linguagem estão presentes tanto em Wittgenstein como em Gadamer. Para ambos, somente pelo uso da linguagem será possível compreender o significado das frases, extrair delas suas regras e identificar os seus sentidos. Os dois concebem o jogo como uma “estrutura” explicativo-compreensiva do significado e empregam o conceito de jogo sem fazer uma fundamentação ou fenomenologia histórica dele para justificar seu emprego como metodologia filosófica.

A dimensão argumentativa como centro do filosofar é comum a ambos e atestam não ser mais possível uma filosofia que adote apenas preposições lógicas, dedutivas, matemáticas. Filosofar exige um modo fático-argumentativo

e, por meio do jogo, ambos rompem com o modelo de filosofia tradicional (Rohden, 2002, p.138).

Wittgenstein concebe o jogo do ponto de vista epistemológico atrelado ao modelo de teoria do conhecimento tradicional e, assim, aponta para o aspecto pragmático da filosofia da linguagem. Compreender para ele não significa dominar uma técnica ou um conjunto de regras. O filósofo defende que “o ser que pode ser compreendido é linguagem” e ensina que jogar refere-se a não pensar, não ouvir, apenas olhar para extrair as regras universalmente válidas. Perceber, observar, identificar as regras do jogo para compreender a linguagem é dominar sua técnica e “ver tudo como é”.

Para Gadamer o jogo nos possibilita explicitar a estrutura ontológica da compreensão, já que o ser se constitui no jogo, o qual por sua vez o remete à ontologia. Para Gadamer é impossível jogar sem ser jogado, ou seja, é impossível descrever as regras e o funcionamento do jogo filosófico sendo apenas um mero observador externo a ele. Gadamer defende que mais importante que o sistema de regras e as prescrições do jogo é o acontecer do jogo, o entrar no espetáculo e dele participar e tomar posse.

Em Gadamer o jogo ganha prioridade em face do jogador e o que verdadeiramente importa é o “ser-jogado no jogo” e que termina assenhorando-se do jogador. Desse modo, mais importante do que conhecer as regras e as prescrições do jogo é o jogar, o acontecer, o movimentar.

Considerações finais

Como vimos o estudo da hermenêutica acontece em duas dimensões. A dimensão metodológica ou epistemológica voltada para o modo, a forma de acontecer e de se efetivar a experiência hermenêutica, preocupando-se apenas com o significado. E também a dimensão filosófica ou ontologia, que busca o sentido da realidade e do ser pela reflexão, como uma espécie de teoria geral do saber e se utiliza de princípios e metodologias adequados, os quais viabilizam diferentes conclusões.

A hermenêutica filosófica propõe uma ruptura com o modelo do pensamento matemático e busca uma reestruturação dos argumentos filosóficos com o propósito de possibilitar uma adequada compreensão do mundo e de seus fenômenos. Podemos destacar a importância do filosofar como meio e forma de admirar-se das coisas, de avaliar as ações humanas em busca do real sentido das coisas mesmas e pelos caminhos fornecidos pela ciência da hermenêutica buscar o conhecimento.

Nesse sentido, destacamos a influência da vivência e da prática filosófica no jogo. O ser que joga transcende a si mesmo, abandona sua interioridade,

ultrapassa seus limites e formula seu próprio saber. Pensar, refletir, conhecer, compreender, aceitar e aplicar as regras do jogo possibilita a construção do conhecimento e, neste processo, o jogo pode ser interpretado como modelo da experiência hermenêutica, que transita da linguagem para a filosofia e da filosofia para a linguagem, na cultura e na história humana.

Ao interpretar sob um ponto de vista hermenêutico a Sétima Carta de Platão, por exemplo, Rohden (2013) nos mostra a importância da filosofia na contemporaneidade. No jogo da escrita, no jogo da leitura e no jogo da interpretação de uma carta ou de um texto filosófico. O que importa, segundo Rohden, é o alargamento de nossa consciência e de nossa ação em relação ao mundo, aos outros e a nós mesmos. No jogo hermenêutico mergulhamos nas entrelinhas do texto e emergimos mais inteiros, mas dispostos a assumir nossa condição humana. A apropriação de um texto filosófico nos possibilita, assim, uma espécie de encontro conosco mesmos e com a "alma do mundo". É esse o sentimento que fica na conclusão desse artigo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia. Trad, coord e rev. Alfredo Bosi*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ALVES, Marcos A. O modelo estrutural do jogo hermenêutico como fundamento filosófico da educação. *Ciênc. educ. (Bauru), Bauru, SP, v. 17, n.1, 2011*. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000100015>. Acesso em 04 abr 2017

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método. Traços Fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MORA, José F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Filosófica. Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

ROHDEN, Luiz. Hermenêutica filosófica: entre Heidegger e Gadamer. *Nat. hum., São Paulo, SP, v. 14, n. 2, p. 14-36, 2012*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 abr. 2017.

ROHDEN, Luiz. Hermenêutica e[m] Resposta ao elogio da Verdadeira filosofia da Carta Sétima de Platão. *Kriterion, Belo Horizonte, MG, v. 54, n. 127, p. 25-42, jun 2013*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2013000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 abr. 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Rio de janeiro: Ed. Vozes. 4. ed. Serie. Coleção Pensamento Humano. 2005.